

O ESVAZIAMENTO DAS FUNDAMENTAÇÕES E A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA SUPERFICIALIDADE NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Luiz Carlos de Oliveira Silva¹

Airton de Carvalho Silva Junior²

RESUMO

Este artigo analisa as noções de esvaziamento das fundações e a sociedade do espetáculo, examinando como esses conceitos se relacionam com a superficialidade da sociedade contemporânea. Através de uma revisão teórica baseada em autores como Friedrich Nietzsche, Guy Debord e Jean Baudrillard, discute-se como o esvaziamento de valores fundamentais contribuiu para o predomínio de imagens e simulacros na vida social moderna. A conclusão aponta para as implicações socioculturais dessa transformação e sugere possíveis caminhos para a recuperação de uma experiência mais autêntica e significativa.

Palavras-chave: Sociedade do espetáculo, esvaziamento das fundações, superficialidade, alienação, simulacro.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea está marcada por profundas transformações na forma como lidamos com a realidade, a verdade e o significado. Dois conceitos centrais para entender essa mudança são o esvaziamento das fundações e a sociedade do espetáculo. O primeiro diz respeito à perda ou relativização de valores e princípios que outrora forneciam orientação sólida à experiência humana. O segundo, cunhado por Guy Debord em “A Sociedade do Espetáculo” (1967), refere-se ao domínio das imagens, aparências e simulações que moldam a vida social. Neste artigo, examinaremos como essas duas ideias se relacionam e como elas explicam a superficialidade característica da cultura contemporânea.

“A vida inteira das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido afastou-se numa representação”³ (Debord, 1967).

¹ Especialista em Direito Constitucional, Bacharel em Direito, Administração, Coordenador Polo UniDoctum Lima Duarte.

² Advogado, especializando em mercado e finanças.

³ Princípios que antes eram como regras para a sociedade, cita-se como exemplo, princípios Cristãos, princípios educacionais como respeito e cuidado, hoje nota-se um desuso e até meios contrários a eles.

A citação acima ilustra o ponto de partida desta análise: a transformação da vida cotidiana em uma série de representações e espetáculos, como resultado da erosão de valores fundamentais que organizavam a vida social e cultural, pois na sociedade do espetáculo passou do ser para o aparecer. Pois nota-se na sociedade atual que só está vivo aquele que vive a rede social.

Em que pese as diferenças profundas, conseguimos conectar os autores neste ponto de vista que a sociedade vive hoje um espetáculo. Busca-se com esse trabalho demonstrar como a sociedade se perdeu ao longo do tempo, e deixou se levar pela vida virtual, vida do aparecer, e com isso algumas consequências foram surgindo como esvaziamento das fundamentações a fragilização das relações humanas, além disso, questões como princípios basilares como familiares e educacionais estão em declínio trazendo problemas profundos para a sociedade.

2. O ESVAZIAMENTO DAS FUNDAMENTAÇÕES: DEFINIÇÃO E PERSPECTIVA FILOSÓFICA

O esvaziamento das fundamentações pode ser entendido como a perda de valores ou verdades universais que antes sustentavam as normas sociais, morais e filosóficas. Esse processo de desvalorização foi descrito por Friedrich Nietzsche como parte do diagnóstico da modernidade. Em *A Gaia Ciência* (1882), Nietzsche declarou a famosa "morte de Deus", que simboliza a dissolução dos valores absolutos da tradição cristã e da metafísica ocidental, "Deus está morto. Deus permanece morto. E nós o matamos." Nietzsche, *A Gaia Ciência* (1882), onde valores antes nítidos e respeitados hoje sequer são ensinados.

Para Nietzsche, a morte de Deus significava que a modernidade carecia de um fundamento sólido para a moralidade e o significado existencial. Sem uma base transcendente, os valores tornaram-se relativos, resultando em um ****nihilismo**** cultural, onde "não há mais verdades universais". A sociedade moderna, portanto, encontra-se em um estado de esvaziamento de valores e princípios, substituindo-os por construções temporárias e subjetivas, viver se tornou por coisas supérfluas e não mais se constrói algo duradouro, vive-se pelo aparecer não mais para ser.

Nesse ínterim, Martin Heidegger expande essa discussão em **Ser e Tempo** (1927), onde descreve a "era da técnica" como um período em que o ser humano esqueceu o "Ser" e passou a ver o mundo apenas como um recurso técnico, gerando um distanciamento da essência e um esvaziamento das fundamentações ontológicas.

“O homem moderno se encontra em um tempo onde o Ser é esquecido, e o real é percebido como mero recurso técnico.” (Heidegger, 1927)

Essa alienação do Ser resulta em uma superficialidade da experiência humana, onde o verdadeiro sentido da existência é obscurecido, e passa a valer questões supérfluas, percíveis, e não mais o que é duradouro, vive-se tempos ilíquidos, tudo é passageiro. Valores e princípios na sociedade atual passam a ser negociados, pois busca a se viver o supérfluo, o raso, não se busca mais ensinar o duradouro, tudo tem prazo de validade e o que antes era ensinado a ser certo, hoje passa a ser errado, assim atrapalha essa sociedade da facilidade, do raso.

3. A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: DEFINIÇÃO E IMPLICAÇÕES CULTURAIS

O conceito de sociedade do espetáculo, introduzido por Guy Debord em **A Sociedade do Espetáculo** (1967), complementa a ideia de esvaziamento das fundamentações. Para Debord, a sociedade moderna é dominada por imagens e representações que substituem a realidade. As relações sociais, econômicas e políticas tornam-se mediadas pelo espetáculo, que transforma tudo em mercadoria — inclusive a experiência humana.

“O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.” (Debord, 1967)

A sociedade do espetáculo é um conceito desenvolvido pelo filósofo francês Guy Debord em sua obra *A sociedade do espetáculo*, publicada em 1967. A teoria de Debord critica a sociedade de consumo e a cultura do espetáculo, e aponta como esses fenômenos contribuem para a perda de autenticidade nas relações humanas e para a alienação.

Na sociedade do espetáculo numa perspectiva de dominação econômica sobre a vida social em que, num primeiro momento a realização humana se concentrou na passagem do ser para o ter, houve um deslizamento generalizado, passando do ter para o parecer.

A crítica de Debord aponta para o papel central da mídia e da publicidade na criação de uma realidade construída, onde as aparências importam mais do que o conteúdo. A vida humana, nessa sociedade, é reduzida a uma performance, em que indivíduos se veem obrigados a "espetacularizar" suas próprias existências para manter relevância social e econômica. A política, a cultura e o consumo tornam-se arenas de espetáculos, onde a substância é sacrificada em favor da aparência.

“No mundo realmente invertido, o verdadeiro é um momento do falso” (Debord, 1967)

Esse mundo invertido descrito por Debord se encaixa no conceito de **hiper-realidade** proposto por **Jean Baudrillard** em *Simulacros e Simulação* (1981). Baudrillard argumenta que na sociedade pós-moderna, a distinção entre o real e o simulacro desaparece, levando a uma hiper-realidade em que as simulações são percebidas como mais reais do que a própria realidade.

“O real não desapareceu, foi absorvido pela hiper-realidade: uma rede infinita de simulações que já não imita, mas substitui o real.” (Baudrillard, 1981)

A combinação entre o esvaziamento dos fundamentos e o predomínio do espetáculo e do simulacro cria uma cultura de superficialidade, onde o valor está atrelado à visibilidade e ao consumo de imagens, vive-se o que se posta, a realidade não se faz mais necessária, passa a se viver o virtual, onde a felicidade reina e impera.

4. A CONEXÃO ENTRE O ESVAZIAMENTO DAS FUNDAMENTAÇÕES E A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

O esvaziamento das fundamentações e a sociedade do espetáculo estão interligadas, porém não conectadas. À medida que os valores tradicionais perdem sua relevância, a sociedade torna-se mais suscetível a preencher esse vazio com imagens, representações e entretenimento. O espetáculo surge como a solução temporária para o vazio deixado pela ausência de significados profundos.

Essa alienação, descrita por Debord, ocorre justamente porque a sociedade moderna, desprovida de fundamentos sólidos, se volta para a imagem como um novo “fundamento”, mesmo que efêmero e ilusório. Em vez de buscar a verdade, a sociedade se contenta com o espetáculo, porque este é fácil de consumir e oferece uma aparência de significado.

O filósofo Zygmunt Bauman, em sua obra *Modernidade Líquida* (2000), refere-se a essa fluidez e falta de consistência como uma característica da modernidade tardia. Ele descreve uma sociedade onde nada é sólido ou permanente, e tudo — inclusive os valores e as identidades — se desintegra em uma liquidez contínua.

“Vivemos tempos líquidos. Nada é feito para durar, tudo é volátil e efêmero.” (Bauman,, 2000).

Essa volatilidade se reflete na sociedade do espetáculo, onde o que importa não é a substância, mas a performance.

5. CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS E CULTURAIS

As consequências desse fenômeno são profundas. O esvaziamento das fundamentações e o domínio do espetáculo levam à alienação, ao consumismo desenfreado e a uma crise de identidade. Os indivíduos, em vez de buscarem significado em experiências autênticas, são compelidos a se conformar com imagens pré-construídas pela mídia e pelo mercado. Essa pressão cria uma sociedade ansiosa, onde o sucesso é medido pela capacidade de se destacar no espetáculo social, seja nas redes sociais ou na vida profissional.

Nesse sentido, a famosa frase "penso, logo existo" que provocou o desencantamento do mundo a época, agora poderia ser traduzida em "posto, logo existo", ou a recorrente "sou visto, logo existo". Essa releitura de Descartes foi potencializada com as redes sociais e o uso em massa das mesmas, e evidencia cada vez mais o que Debord chamou de sociedade do espetáculo, sendo hoje a vida online. Esse fenômeno parece refletir no contexto das instituições e estruturas estatais. Pois percebe-se que nas redes, o espetáculo entra em seu *habitat* natural. Todos têm algo a dizer e, muitos, a vender, todos tem opinião, sabem muito e são grandes especialistas em todos os assuntos.

Ressalta-se que, num cenário em que o óbvio (ainda) precisa ser dito: O ponto, aqui, não é a utilização das plataformas para impulsão de um negócio, produto ou serviço. Isso faz parte do jogo dos negócios, o marketing, entre outros.

O cerne aqui é, a vida que antes era ao vivo se tornou digital, se eu não estiver entre os mais curtidos, mais vistos não vivo de verdade.

A crítica então é direcionada ao parecer que não é, vivo pelas redes. À maximização da busca da aparência em detrimento ao ser, minha fama nas redes vale mais que o ser que me torno. O esforço em parecer ser, maior do que o esforço em realmente ser, causando grandes problemas sociais, como depressão, ansiedade, transtornos emocionais, psicológicos, entre outros.

Quando o fenômeno do espetáculo ultrapassa todos limites da pessoa e passa para o campo da venda da imagem, para que, ao final, pessoas sejam convencidas da superficialidade espetacular, ou se venda algo, sonho, beleza, o "consumidor real torna-se consumidor de ilusões" a mercadoria passa a ser "essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral".

Passa a vender a Barbie do século 21, princesas da Disney, ou seja, a vulgarizar não só a forma de pensar diferente como essa forma passa a ser errado, ou seja, vive-se a era da superficialidade, da imagem social nas redes, vivo pelo que posto.

6. VALORES SÓLIDOS

Na “sociedade do espetáculo”, conforme descrito por ****Guy Debord****, os valores tradicionais e sólidos, que outrora guiaram a vida em sociedade, são enfraquecidos ou mesmo eliminados, substituídos por imagens, aparências e simulações. O conceito de "valores sólidos" refere-se a princípios ou normas sociais e culturais que conferiam estabilidade e coerência à vida social, como a ética, a verdade, a autenticidade, a espiritualidade ou o respeito pela profundidade das experiências humanas. Contudo, na sociedade espetacular, esses valores perdem o significado, sendo substituídos por representações superficiais e efêmeras, coisas supérfluas, passageiras e não mais o que é duradouro.

6.1. Erosão dos Valores Sólidos na Sociedade do Espetáculo

Debord argumenta que a modernidade tardia se caracteriza pela mediação da vida social através de imagens, transformando as relações humanas e as experiências autênticas em mercadorias de consumo, pode-se vender tudo até sua própria imagem. Assim, os “valores sólidos”, que antes ofereciam uma ancoragem moral e existencial, como verdade, ética, profundidade e propósito, são diluídos pela constante exibição de espetáculos visuais, criados e controlados por meios de comunicação e pela lógica capitalista. O espetáculo substitui o conteúdo real, transformando tudo em “mercadoria visualizada”.

"O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens." (Debord, 1967).

A ética, a moralidade e a verdade, que antes formavam a base de estruturas sólidas como a família, a religião e a política, tornam-se mercadorias exibidas como imagens de consumo, sem a necessidade de coerência ou substância. O valor agora reside na “aparência” e na “visibilidade”, e não no conteúdo ou na verdade. Eis que surgem os coaches, falsos profetas e políticos oportunistas, pois estes realizam a venda de sua imagem, colocando em cheque os princípios e valores ensinados ao longo dos anos e trazendo uma nova interpretação que os faz serem muito especiais.

6.2. Substituição dos Valores por Imagens

Os valores sólidos como a autenticidade e a verdade são particularmente vulneráveis à dinâmica da sociedade do espetáculo. Na lógica do espetáculo, tudo se resume a “aparências” e “simulacros”, o que Jean Baudrillard expandiu em sua teoria da hiper-realidade. Segundo Baudrillard, o espetáculo cria uma realidade simulada, em que cópias (simulacros) substituem o que antes era percebido como real. Dessa forma, os valores não precisam mais ter uma referência sólida ou um ancoramento no real, bastando que sejam performados ou coach resumidos.

"O real já não é real; é hiper-real, uma verdade construída pela proliferação incessante de imagens e simulações." (Baudrillard, 1981).

Exemplos claros dessa substituição podem ser vistos em “redes sociais”, onde a identidade pessoal, o sucesso e até a felicidade são fabricados por meio de performances visuais e cuidadosamente curadas. Nesse contexto, valores sólidos como a integridade ou a autenticidade são desvalorizados, uma vez que o que importa é a “percepção” pública, curtidas, comentários, seguidores, entre outros.

6.3. O Consumismo e a Mercantilização dos Valores

Na sociedade do espetáculo, valores como felicidade, liberdade e justiça também se tornam “mercadorias”. O “consumismo” transforma esses valores em produtos que podem ser comprados e vendidos. A felicidade, por exemplo, deixa de ser uma experiência interna e autêntica, passando a ser algo que se “consome” através de bens materiais ou experiências artificiais, que são exibidos como símbolos de status, quanto mais se posta, mais se tem, ou o valor da pessoa é medido pelo seu patrimônio e não mais pelo seu ser. “O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se transforma em imagem.” Debord, *A Sociedade do Espetáculo** (1967).

Essa mercantilização dos valores sólidos é visível em campanhas publicitárias, onde o consumo de determinados produtos promete não apenas satisfação, mas também valores existenciais, como sucesso, pertencimento ou autoestima. Assim, a ética do “ter” supera a ética do “ser”, e os valores sólidos tornam-se transitórios, dependendo do mercado.

6.4. A Fragilidade das Relações Humanas e Identidades

A sociedade do espetáculo também afeta a maneira como os valores sólidos moldam as relações humanas e a identidade pessoal. Na era da imagem, as relações são mediadas por telas, curtidas, número de seguidores e representações, o que leva à fragilidade dos laços e à substituição da profundidade pelo efêmero. As identidades, que tradicionalmente eram formadas por meio de processos internos de autoconhecimento e reflexão, agora são projetadas externamente como performances para serem vistas e consumidas.

Zygmunt Bauman, em *Modernidade Líquida* (2000), destaca como essa fluidez afeta os valores. Para ele, a modernidade líquida é marcada pela ausência de permanência em todos os aspectos da vida, incluindo os valores. As relações humanas, outrora estruturadas por compromissos e responsabilidades de longo prazo, tornam-se temporárias, baseadas na conveniência e na satisfação imediata.

“Vivemos tempos líquidos. Nada é feito para durar, tudo é volátil e efêmero.” Bauman, *Modernidade Líquida** (2000).

Esse cenário enfraquece valores sólidos como a confiança, o compromisso e a autenticidade, que são substituídos por uma necessidade constante de auto-exibição e validação externa, muitas vezes proporcionada pelo espetáculo.

7. CONSEQUÊNCIAS DO Esvaziamento dos Valores Sólidos

A ausência de valores sólidos na sociedade do espetáculo leva a várias consequências sociais e culturais, incluindo:

- 1) **Alienação:** As pessoas se tornam alienadas, desconectadas de experiências autênticas e das verdadeiras necessidades humanas, ao se focarem em manter uma imagem ou status.
- 2) **Ansiedade:** A constante pressão por “visibilidade” e aprovação nas redes sociais e em outros meios contribui para altos níveis de ansiedade e insegurança.
- 3) **Relativismo moral:** Com a ausência de valores sólidos, as distinções entre o certo e o errado tornam-se cada vez mais ambíguas, favorecendo um ambiente de “relativismo moral”, onde tudo é justificado pela aparência e o impacto visual.

Surgimento de Coach, falsos profetas, políticos oportunistas, pois esses apreenderam a arte do espetáculo, e usam de suas interpretações, oratória e conhecimento levado seus seguidores ao conhecimento porém esse de forma errada e muito das vezes contrária ao que seria o certo.

8. CONCLUSÃO

O esvaziamento das fundamentações e a sociedade do espetáculo oferecem uma lente crítica para entender a superficialidade e alienação da sociedade contemporânea. O vazio deixado pela perda de valores sólidos como família, educação e respeito e passam a ser preenchidos por imagens e performances que criam uma ilusão de profundidade. Para superar essa superficialidade, é necessário um esforço consciente para recuperar uma experiência de vida mais autêntica, fundamentada em valores duradouros e uma crítica constante ao papel alienante do espetáculo.

Buscando mostrar para as futuras gerações que valores sólidos sempre conduziram a sociedade a grandes conquistas e grandes feitos, onde o espetáculo da vida nas redes, nos faz apenas viver de forma solitária e imaginária, que a vida é feita de desafios, lutas, porém de grandes conquistas e vitórias desde que, tenha-se sempre princípios e valores sólidos e não o que se vê hoje, supérfluos, rasos, onde se não acontecer aquilo que quero eu me frustrro e me torno uma pessoa doente, física, psicologicamente, moralmente.

Nota-se que, as pessoas buscam o raso pois ele se torna mais fácil de viver, ao invés de viver os valores de seus antepassados, pois se justifica que eles estão ultrapassados, busca-se assim, viver esse “novo”, mesmo com todos os problemas que ele traz. A imagem passou a ser mais importante do que o conteúdo, um esforço em parecer ser, maior do que o esforço em realmente ser.

Em uma última análise cita-se a música “Admirável Chip Novo”, da cantora Pitty, onde a mesma aborda a alienação e a superficialidade das relações humanas em um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia, refletindo a crítica à forma de como a sociedade se tornou um espetáculo, como a mídia tem papel fundamental moldando pensamentos e comportamentos. Neste contexto, o papel das redes sociais na formação da opinião pública se torna uma questão central, revelando uma lacuna educacional que impede a análise crítica das informações quanto uma crescente alienação social devido a sociedade ter se tornado um espetáculo.

Referências

BAUDRILLARD, J. Simulacros e Simulação. Lisboa: Relógio D'Água, 1981.

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DEBORD, G. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 [1967].

HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes, 2005, 1927.

WARATT, Luis Alberto. Introdução geral do direito I. Porto Alegre: Fabris, 1994.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método. Traços Fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3.ed. Trad. Flávio Paulo Meuer, São Paulo: Vozes, 1999.

STRECK, Lenio Luiz. *O parafuso, o bacon e o Francis Bacon: o reencantamento do direito*. Revista Eletrônica Consultor Jurídico, São Paulo, 13 de abril de 2023. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2023-abr-13/senso-incomum-parafuso-bacon-francis-bacon-reencantamento-direito>>. Acesso em 08 jun. 2023.

_____. *Criemos o Conamico para combater a pagação de mico*. Revista Eletrônica Consultor Jurídico, São Paulo, 24 de abril de 2023. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2023-abr-24/leniostreck-criemos-conamico-combater-pagacao-mico>>. Acesso em 08 jun. 2023.